
REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 28 No. 1 2015

PARA UMA HISTÓRIA JÊ MERIDIONAL NA LONGA DURAÇÃO: O CONTEXTO EM ALFREDO WAGNER (SC) E A SUA INSERÇÃO REGIONAL¹

Lucas Bond Reis²

A proposta desta pesquisa é contribuir para uma melhor compreensão da trajetória histórica dos grupos Jê Meridionais em Santa Catarina a partir da realização de pesquisas no município de Alfredo Wagner. Para tanto, realizamos uma revisão na literatura arqueológica, antropológica e etnohistórica sobre os grupos Jê Meridionais, bem como desenvolvemos prospecções e escavações, além de análises tecnológicas de vestígios líticos e cerâmicos.

A fim de embasar teoricamente a construção de uma história Jê Meridional de longa duração, lançamos mão da proposta de Zedeño (1997; 2008) acerca da história de formação territorial, bem como das compreensões de Braudel ([1958] 2009) e de Sahlins ([1985] 1999) no que remete aos conceitos de duração e de mudança, e, ainda, dos entendimentos de Barth ([1969] 1998) sobre fronteiras sociais e grupos étnicos.

O primeiro capítulo consiste em uma discussão das propostas teóricas supracitadas, as quais são utilizadas como base para uma revisão crítica da bibliografia que trata dos grupos Jê Meridionais. Deste modo, no segundo capítulo, apresentamos uma espécie de estado da arte, ou seja, como as ocupações destes grupos indígenas tem sido pensadas e quais são as propostas acerca das dinâmicas territoriais desenvolvidas por eles no decorrer do tempo.

Adiante, no terceiro e no quarto capítulo apresentamos dados referentes ao contexto arqueológico regional em Alfredo Wagner, município situado em uma área de serra, transição entre litoral e planalto, que dista, aproximadamente, 110 km em direção oeste de Florianópolis (capital de Santa Catarina).

Embasados em uma revisão bibliográfica preliminar, constatamos a existência de mais de uma centena de sítios arqueológicos em Alfredo Wagner, dentre os quais percebemos a presença de contextos compostos por estruturas subterrâneas relacionados à ocupação Jê meridional, além de sítios líticos a céu aberto, abrigos sob rochas e galerias subterrâneas – estas últimas sem evidências de ocupação humana pretérita.

¹ Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós Graduação em História, linha de pesquisa História Indígena, Etnohistória e Arqueologia, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do prof. Dr. Lucas Bueno. Pesquisa realizada com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Mestre em História Cultural, pesquisador do Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia da Universidade Federal de Santa Catarina (LEIA/UFSC). E-mail: lucasbondreis@gmail.com.

Visando reconhecer o contexto arqueológico regional, visitamos: quatro sítios de estruturas subterrâneas, sendo que no decorrer do campo registramos outros dois; cinco abrigos sob rochas; e quatro sítios líticos a céu aberto, sendo que identificamos mais uma ocorrência na prospecção. Vale destacar que no decorrer desta atividade foi possível recadastrar o sítio SC-VI-13, lítico a céu aberto, escavado por João Alfredo Rohr na década de 1960, com uma ocupação mais recente datada em 3000 A. P., onde o pesquisador coletou artefatos vegetais (madeiras e trançados) preservados de forma excepcional.

A partir da prospecção, selecionamos um contexto de estruturas subterrâneas para ser objeto de escavações. Trata-se do sítio Tobias Wagner, composto por dezoito concavidades arqueológicas – oito circulares e dez elipsoidais - e vestígios líticos dispersos ou estruturados em feições ao longo da superfície externa as depressões. O sítio possui uma área de cerca de 2000m², localizado na microbacia do Riozinho, em Lomba Alta, interior de Alfredo Wagner.

No total, escavamos 10,25m² da superfície do sítio, atingindo profundidade máxima variável entre 0,80 e 1,30m, em três etapas realizadas entre 2014 e 2015. Concentramos as atividades no interior de três estruturas subterrâneas (E01, E02 e E03) e em uma feição composta por vestígios líticos que foi identificada na área externa às concavidades (Área 1). As intervenções que resultaram em maior número de dados sobre a ocupação do sítio foram realizadas em E01 e na Área 1. A partir destas escavações, obtivemos informações sobre tecnologia lítica e cerâmica, bem como sobre cronologia.

Acerca dos líticos, processamos 2082 peças em laboratório, destas apenas 822 apresentavam alguma evidência de transformação antrópica, seja as que implicam em uma transformação direta no suporte por lascamento, polimento e/ou picoteamento (230) ou aquelas relacionadas à transformação indireta por meio da ação térmica (592). Pelo fato da coleção apresentar poucos artefatos formais, sendo composta principalmente por fragmentos, resíduos e/ou vestígios queimados, optamos por limitar a análise aos aspectos formais das peças, agrupando conjuntos de peças conforme procedência, tamanho, matéria-prima, técnica de transformação e alterações de superfície. Assim, os vestígios com evidências de transformação direta foram agrupados em quatro conjuntos: Lascados Pequenos, Lascados Grandes, Polidos e Picoteados.

Sobre os vestígios cerâmicos, somente encontramos este tipo de evidência no interior de E01. No total, 45 fragmentos foram coletados. Destes, 39, maiores que 1cm, foram analisados individualmente em laboratório sob uma perspectiva tecnológica. Apenas um fragmento de borda foi identificado, os demais consistem em fragmentos de parede. Em três peças de mesma proveniência identificamos o acréscimo de uma camada na superfície externa, a qual foi compreendida como uma resina – contudo, existe a possibilidade de que seja um engobo adicionado sobre a pasta queimada. A partir da associação entre argila e antiplástico, classificamos os vestígios em cinco conjuntos: A – argila branca e mineral fino; B – argila vermelha e mineral fino; C – argila vermelha, mineral fino e cinza/cariapé ou carvão; D – argila vermelha e mineral grosso; E – argila vermelha, mineral grosso e cinza/cariapé ou carvão.

Com uma amostra de carvão coletada no interior de uma estrutura de combustão (EC01), identificada na Área 1, foi obtida uma data de 300 ± 30 A. P (Beta-410430).

Além disso, amostras de carvão oriundas da estrutura de combustão (EC01) e do seu entorno foram enviadas para o Laboratório de Anatomia e Qualidade da Madeira da Universidade Federal do Paraná, aos cuidados da Prof. Dra. Silvana Nisgoski, visando à identificação do material vegetal carbonizado. Duas amostras provenientes de EC01 foram identificadas pelo gênero *Magnolia*, enquanto que outras duas do entorno de EC01 foram identificadas como *Araucária angustifolia*. Com estes resultados, procedemos uma busca em bibliografia etnobotânica sobre usos destes vegetais por grupos Kaingáng e Xokleng – ambos falantes de línguas Jê.

Os resultados obtidos por meio das intervenções realizadas no sítio Tobias Wagner, bem como através das análises de materiais e da revisão na literatura arqueológica, etnohistórica e antropológica, possibilitaram tecer inferências acerca da ocupação Jê meridional em diferentes escalas: intrasítio, local e microrregional. Esta discussão é apresentada ao final do quarto capítulo.

No quinto e último capítulo da dissertação, a fim de conciliar arcabouço teórico, dados obtidos na revisão bibliográfica e produzidos de forma inédita nas atividades campo, refletimos e problematizamos a ocupação Jê Meridional sob uma perspectiva diacrônica e, mais uma vez, em diferentes escalas: microrregional e regional.

A partir dos dados reunidos e das reflexões a partir deles, sugerimos a existência de ocupações Jê Meridionais diferenciadas nas terras altas do planalto (1) e na borda leste do planalto / serra (2). Na primeira área os grupos teriam desenvolvido um tipo de sistema de ocupação sistemático ao longo de mais de mil anos, enquanto que na segunda, conforme os dados disponíveis, os grupos teriam desenvolvido uma dinâmica de ocupação territorial que implicava em uma maior circulação se comparada à primeira.

Com esta diferenciação não tivemos por objetivo classificar a ocupação desenvolvida por grupos do planalto como sedentária e a dos grupos da borda leste/serra como nômades. Há que se relativizar este binarismo. Também não é o caso de identificar grupos de uma ou outra área como ancestrais exclusivos dos Kaingáng ou dos Xokleng. Parece-nos que para ambas as áreas os grupos estabelecem um domínio territorial, evidenciado por vestígios arqueológicos e por informações etnohistóricas que atestam a longa duração destas ocupações, onde desenvolvem territorialidades específicas que resultam em formas diferenciadas das práticas desenvolvidas em um território.

Tomando por base a proposta de história de formação territorial de Zedeño (1997; 2008), apresentamos uma proposta acerca do processo histórico de expansão Jê Meridional em Santa Catarina, considerando os dados conhecidos atualmente de sítios relacionados a estes grupos, bem como as informações disponíveis sobre grupos caçadores-coletores e horticultores Guarani que indicam períodos de contemporaneidade entre estas diferentes ocupações.

Ao final, apresentamos uma reflexão acerca do presente dos povos indígenas falantes de línguas Jê que vivem em Santa Catarina no sentido de evidenciar o descompasso existente entre as áreas de concentração de sítios arqueológicos relacionados a estes grupos frente às terras indígenas demarcadas. Mediante esta situação, acreditamos que há que se construir uma história de longa duração protagonizada por populações nativas que vá de encontro às concepções que historicamente tem balizado a produção de conhecimento sobre o passado. Assim, reforçamos a necessidade do desenvolvimento de estudos que deem visibilidade à presença indígena na História e chamamos a atenção dos arqueólogos acerca do comprometimento social com os povos ameríndios.

Deste modo, ressaltamos que esta pesquisa foi conduzida sob um enfoque que visa compreender as populações indígenas enquanto sujeitos históricos plenos, agentes de sua própria história, e que acreditamos que a trajetória histórica delas decorre de relações específicas estabelecidas com e em um determinado território.

Palavras-chaves: Jê Meridional; Alfredo Wagner; História de Formação Territorial.